

Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias 2

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Atena
Editora
Ano 2020

Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias 2

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Novas possibilidades rumo ao futuro das ciências humanas e suas tecnologias 2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N936 Novas possibilidades rumo ao futuro das ciências humanas e suas tecnologias 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-378-1

DOI 10.22533/at.ed.781200909

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.
2. Tecnologias. I. Pereira, Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Vivemos um mundo de velocidade e transformações. Algumas são pequenas e cotidianas, mas seus impactos são amplos. Como um celular, que hoje nos conecta a todo momento do dia, por exemplo. Ou a realidade da globalização da cultura e dos problemas sociais.

Existe uma relação direta entre os espaços de produção do conhecimento nas ciências humanas e a constituição de uma racionalidade científica sobre a realidade social, seus problemas e espaços. É ponto pacífico, pela própria fluidez de nossa relação com o tempo e com o “estudo dos homens no tempo”, para usar uma expressão de Marc Bloch (2002, p. 55), que o conhecimento e a racionalidade não têm uma natureza linear e única, mas antes têm como base uma multiplicidade de possibilidades. Isso porque, nossa relação com o conhecimento é fundada na proximidade constante de experiências, na compreensão que são as questões do presente o grande títere do passado enquanto um espaço gerador de sentido para as diferentes vivências. Esse dinamismo inerente ao saber histórico traz consigo a multiplicidade de narrativas e construções presentes e ativas na sociedade.

Assim, na reflexão sobre o conhecimento, sua natureza e o espaço que ocupa em sociedade há um espaço importante a ser ocupado: o espaço de “auto-reflexão, como retorno ao processo cognitivo de um sujeito cognoscente que se reconhece reflexivamente nos objetos de seu conhecimento, suas fontes, suas possibilidades e suas tecnologias. Assim, as transformações e velocidades do mundo, dos objetos e do real, também dialogam com a produção da pesquisa, do trabalho com as fontes e as possibilidades de conhecimento que se abrem e se apresentam.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O IMPACTO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA IDENTIDADE DOCENTE	
Bárbara Regina Gonçalves Vaz	
DOI 10.22533/at.ed.7812009091	
CAPÍTULO 2	15
PORQUE INCLUIR O QUE ESTÁ FORA DOS CONTEÚDOS DISCIPLINARES? ESTAMOS FALANDO DE MÚSICA!	
Flavia de Oliveira Barreto	
Fleudya Benigno Lopes Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.7812009092	
CAPÍTULO 3	28
A INFLUÊNCIA DAS <i>SELFIES</i> NO PROCESSO IDENTITÁRIO DE JOVENS E ADOLESCENTES EM UMA ESCOLA DE PORTÃO / RS	
Daiane Fontes	
Jaqueline da Silva Torres Cardoso	
Sandra Maria Costa dos Passos Colling	
DOI 10.22533/at.ed.7812009093	
CAPÍTULO 4	40
PERFIL SOCIAL E PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA EM UMA INSTITUIÇÃO FEDERAL DE URUÇUI - PIAUÍ	
Rute Sousa do Nascimento	
Anna Walléria Borges de Araújo	
Iago Costa de Oliveira	
Marcílio Macêdo Vieira	
Miguel Antonio Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.7812009094	
CAPÍTULO 5	52
MARCOS REGULATÓRIOS DA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO NO BRASIL	
Mirian Rocha de Almeida	
Luís Alberto Lourenço de Matos	
DOI 10.22533/at.ed.7812009095	
CAPÍTULO 6	78
APRENDIZAJE COMPLEJO MEDIADO POR TIC PARA ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS VENEZOLANOS	
Hebert Elias Lobo Sosa	
Ana Carolina Pacheco Millán	
Jesús Ramón Briceño Barrios	
Manuel Antonio Villarreal Uzcátegui	
DOI 10.22533/at.ed.7812009096	

CAPÍTULO 7	97
O CAP-UERJ E AS IMPRESSÕES VISUAIS NO ENSINO DE ARTE	
Christiane de Faria Pereira Arcuri	
DOI 10.22533/at.ed.7812009097	
CAPÍTULO 8	109
CONHECER PARA ATUAR, ATUAR PARA CONHECER: PELOS INDÍCIOS DE UMA CIÊNCIA SOCIAL POPULAR E MOBILIZADA	
William Bueno Rebouças	
DOI 10.22533/at.ed.7812009098	
CAPÍTULO 9	128
REZADEIRAS, ERVEIRAS E PARTEIRAS DO CARIRI: TECENDO PRÁTICAS DE CURA-NAScer NA AMÉRICA LATINA	
Nayara de Lima Monteiro	
Luciana Patrícia Zucco	
DOI 10.22533/at.ed.7812009099	
CAPÍTULO 10	144
(DES)SUBALTERNIZAR O “BRASILEIRO NATIVO” NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE DOS CURRAIS: CRÍTICA AO EUROCENTRISMO A PARTIR DA PERSPECTIVA DECOLONIAL	
Paulo Robério Ferreira Silva	
João Batista de Almeida Costa	
DOI 10.22533/at.ed.78120090910	
CAPÍTULO 11	158
MISS GAY – CONSTRUINDO IMAGINÁRIOS SOBRE A CIDADE DE JUIZ DE FORA-MG	
Muryllo Rhafael Lorensoni	
Ana Graciela Mendes Fernandes da Fonseca Voltolini	
José Serafim Bertoloto	
Maria Regiane Silva Lopes Barrozo	
Sílvia Mara Davies	
DOI 10.22533/at.ed.78120090911	
CAPÍTULO 12	163
GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: A INTERSECÇÃO TEORIA-PRÁTICA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO HUMANA	
Ketlenn Franciellen Oliveira de Lima	
Maysa Araújo Rodrigues	
Monique Kelly dos Santos Nascimento	
Maria Cinéria dos Santos Viana	
Mairianne Pereira de Moraes	
Cristiane Maria Alves Martins	
DOI 10.22533/at.ed.78120090912	

CAPÍTULO 13..... 173

IMPLICAÇÕES DO PRECONCEITO E HOMOFOBIA CONTRA POPULAÇÃO LGBT+ NO BRASIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Tamires Alves Dias
Josefa Iara Alves Bezerra
Stéffane Costa Mendes
Caroline da Silva Souza
Daiana de Freitas Pinheiro
Mariana Cordeiro da Silva
Milena Silva Ferreira
Teodoro Marcelino da Silva
Andreza Vitor da Silva
Antonio Wellington Vieira Mendes
Kadson Araujo da Silva
Samara Calixto Gomes

DOI 10.22533/at.ed.78120090913

CAPÍTULO 14..... 179

O ENCONTRO DE HOMOSSEXUAIS MILITANTES (1979) E AS BANDEIRAS DA PRIMEIRA ONDA DO MOVIMENTO LGBTI+ NO BRASIL

Rhanielly Pereira do Nascimento Pinto
Eliane Martins de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.78120090914

CAPÍTULO 15..... 193

FASCISMO E COMUNISMO NO BRASIL DE 2018: O EMPREGO DE CONCEITOS EXTREMOS NO PAPEL DA LEGITIMAÇÃO DO DISCURSO POLÍTICO

Vinicius Ribeiro Sampaio
Felipe Sampaio de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.78120090915

CAPÍTULO 16..... 200

A NOVA ROUPAGEM DO MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

Beatriz Leal de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.78120090916

CAPÍTULO 17..... 213

DEPRESSÃO, RESILIÊNCIA E ESTRATÉGIAS DE SELEÇÃO, OTIMIZAÇÃO E COMPENSAÇÃO: UM ESTUDO COM IDOSOS DO MUNICÍPIO DE IVOTI/RS

Camila Koren Chiappini
Anna Regina Grings Barcelos
Andrea Varisco Dani
Raquel Maria Rossi Wosiack
Martina Dillenburg Scur
Geraldine Alves dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.78120090917

CAPÍTULO 18.....	222
AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE ANTIOXIDANTE E FENÓIS TOTAIS EM CERVEJAS ARTESANAIS COMERCIALIZADAS EM SOBRAL-CE	
Murilo Sérgio da Silva Julião	
Letícia Kelly Mesquita Rodrigues	
Lúcia Betânia da Silva Andrade	
Hélcio Silva Santos	
Alexandre Magno Rodrigues Teixeira	
Leopoldo Gondim Neto	
DOI 10.22533/at.ed.78120090918	
CAPÍTULO 19.....	237
O TURISMO NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O MUNICÍPIO DE ROSÁRIO DO SUL	
Janderlei Velasque Dal Osto	
Lucas Mauricio Willecker dos Santos	
Bruno Ribeiro de Oliveira	
Rafael Dezordi	
DOI 10.22533/at.ed.78120090919	
CAPÍTULO 20.....	249
DIREITO PENAL DO INIMIGO NO ÂMBITO DA PRISÃO PREVENTIVA	
Carlos Eduardo Monteiro de Paiva	
Alexandre Pinto Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.78120090920	
CAPÍTULO 21.....	258
DISCURSOS VISUAIS QUE O GRAFITE REVELA NA/DA CULTURA CONTEMPORÂNEA	
Maria Regiane Silva Lopes Barrozo	
José Serafim Bertoloto	
Muryllo Rhafael Lorensoni	
Sílvia Mara Davies	
DOI 10.22533/at.ed.78120090921	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	276
ÍNDICE REMISSIVO.....	277

CAPÍTULO 7

O CAP-UERJ E AS IMPRESSÕES VISUAIS NO ENSINO DE ARTE

Data de aceite: 01/09/2020

Data de submissão: 03/06/2020

Christiane de Faria Pereira Arcuri

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

ID Lattes: 5702844883631502

<https://orcid.org/0000-0001-6554-3282>

RESUMO: O texto expõe os resultados mais recentes de pesquisa proposta no ensino de Artes Visuais e História da Arte na educação básica do Instituto de Aplicação/CAP, Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ. Como foco principal, refiro-me a estratégia metodológica desenvolvida com discentes do ensino médio em seminários de estudo sobre acervos e exposições artísticos de museus/centros culturais da cidade carioca. Com o uso habitual dos seus *smartphones* pessoais, os alunos registram suas impressões imagéticas no *instagram* @nutriçãovisual sob um olhar estético muito particular acerca de distintas culturas, objetos e obras artísticas conhecidos nos espaços culturais. Considera-se, deste modo, que as ferramentas digitais vêm aproximar também na sala de aula as especificidades das civilizações em pauta e que o ensino volta-se, inevitavelmente, a outras novas práticas pedagógicas mais condizentes com as demandas visuais e tecnológicas da juventude de hoje. Tal recurso midiático proposto por alunos acadêmicos (licenciandos em Artes Visuais da mesma universidade) indica a *internet*

como um canal de divulgação e comunicação dos conteúdos artísticos pesquisados pelos alunos da educação básica de modo que idades e interesses artísticos distintos tornem-se mais próximos frente aos fundamentos do ensino de Arte. Resultados preliminares indicam que a abordagem mediática de conteúdos culturais dialoga com o processo de formação identitária dos jovens, uma vez que, a partir dos muitos processos e linguagens estéticos embasados na historiografia da arte, os jovens estabelecem analogias artísticas também com o repertório da cultura visual cotidiana; tornam-se capazes de (re)conhecerem-se enquanto cidadãos e a entender criticamente não só a história da sua cidade, mas também a relevância da preservação e difusão do que compreendem como memória/patrimônio cultural nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Artes Visuais e História da Arte, acervos de Artes, tecnologia, formação identitária, educação básica.

CAP-UERJ AND VISUAL IMPRESSIONS IN TEACHING ART

ABSTRACT: The text presents the most recent results of research proposed in the teaching of Visual Arts and Art History in basic education at the Instituto de Aplicação / CAP, State University of Rio de Janeiro / UERJ. As a main focus, I refer to the methodological strategy developed with high school students in study seminars on collections and artistic exhibitions of museums/cultural centers in the city of Rio. With the usual use of their personal smartphones, students register their imagery impressions on *instagram* @nutritionalvisual under a very particular

aesthetic look about different cultures, objects and artistic works known in cultural spaces. In this way, it is considered that the digital tools also bring the specificities of the civilizations in question into the classroom and that teaching inevitably turns to other new pedagogical practices more consistent with the visual and technological demands of the youth of today. Such media resource proposed by academic students (graduates in Visual Arts at the same university) indicates the internet as a channel for the dissemination and communication of artistic content researched by basic education students so that different ages and artistic interests become closer to the students. fundamentals of Art teaching. Preliminary results indicate that the media approach to cultural content dialogues with the identity formation process of young people, since, based on the many aesthetic processes and languages based on art historiography, young people establish artistic analogies with the repertoire of visual culture as well. everyday life; they are able to (re)know each other as citizens and to critically understand not only the history of their city, but also the relevance of preserving and disseminating what they understand as a national cultural memory/heritage.

KEYWORDS: Teaching Visual Arts and Art History, Arts collections, technology, identity formation, basic education.

1 | ENSINO/JUVENTUDE_CONEXÕES

Venho percebendo, no decorrer das últimas duas décadas no magistério, que para a aprendizagem ser efetivada em conformidade com os objetivos curriculares pretendidos na disciplina curricular de Artes Visuais e História da Arte deve corresponder (minimamente) às demandas atuais dos alunos; e nisso incluem-se as perspectivas da juventude também no campo tecnológico. Alguns teóricos da educação têm sido categóricos ao enfatizarem a importância de ultrapassar as fronteiras da educação tradicional para que o aluno se envolva com os temas e conteúdos e que seja capaz de se relacionar com o mundo em que vive estabelecendo referências com o conhecimento estudado em sala de aula.

Pensando assim, entende-se currículo como o conjunto de conteúdos cognitivos e simbólicos, isto é, a decorrência de saberes, competências, representações, tendências, valores etc que são transmitidos nas práticas pedagógicas da educação escolar - conforme as palavras de Libâneo (2012):

- a) Um currículo precisa ser democrático, isto é, garantir a todos uma base cultural e científica comum e uma base comum de formação moral e de práticas de cidadania;
- b) O currículo escolar representa o cruzamento de culturas, constituindo espaço de síntese, uma vez que a cultura elaborada se articula com os conhecimentos e experiências concretas dos alunos em seu meio social e com a cultura dos meios de comunicação, da cidade e de suas práticas sociais.;
- c) O provimento da cultura escolar aos alunos e a constituição de um espaço democrático na organização escolar devem incluir a interculturalidade; [...]
- e) Currículo tem que ver com a organização

espacial da cidade e com o modo pelo qual as pessoas de todos os segmentos sociais se movem nela; f) Um bom currículo ajuda a fortalecer a identidade pessoal, a subjetividade dos alunos. Trata não só de atender e favorecer a diversidade entre o alunado, mas também de promover em cada aluno competências distintas que os tornem mais plenos e autônomos em seu desenvolvimento pessoal, o que, sem dúvida, pode facilitar igualmente seu êxito profissional; g) A organização curricular precisa prever tentativas de enriquecimento do currículo, pela interdisciplinaridade, e de coordenação de disciplinas, por meio de projetos comuns. (LIBÂNEO, 2012, p. 489).

E no ensino de Artes não poderia ser diferente: em Artes, o estudo também amplia a produção de conhecimentos e pesquisas que seguem continuamente dinamizados como prática de percursos dialógicos com o cotidiano do espaço escolar. Na persistência de estabelecer a Arte como área de conhecimento, respaldada na própria resistência histórica enquanto ensino curricular, as aulas de Artes devem estabelecer um processo de ensino/aprendizagem integrado a uma metodologia que leve à dinamização da vida dos discentes e docentes também no espaço escolar.

Cabe ao docente de Arte suscitar percursos e pesquisas autorais para que outros novos olhares estéticos não se limitem apenas à cultura erudita e massificada; mas que o docente seja capaz de lançar um olhar crítico do que está à sua volta cotidianamente, como as manifestações artísticas da cultura visual, por exemplo, em diálogo com expressões massificadas no espaço urbano. Pretende-se, de fato, que o docente alcance a amplitude de códigos visuais e culturais – incluindo-se as heterogeneidades; na propagação do respeito às expressões culturais e ao patrimônio cultural alegoricamente recorrentes na atualidade.

Em acordo com as palavras de Moran (2015) que diz que as metodologias para alunos proativos precisam acompanhar os objetivos pretendidos em cada projeto de trabalho, isto é, “precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes” (MORAN, 2015, p. 1). O que recai diretamente, no que tange ao ensino de Artes, sobre a maneira como os alunos tornam-se essencialmente criativos ao se sentirem capazes de experimentar subjetivamente muitas outras novas possibilidades artísticas e estéticas.

Nos últimos tempos, também no espaço escolar, é inegável considerar a tecnologia (em rede e/ou móvel) e as estratégias digitais como componentes imprescindíveis para uma educação integral – “Um aluno não conectado (...) perde importantes chances de informar-se, (...) de comunicar-se, de tornar-se visível para os demais, de publicar suas ideias (...)”. (Moran, 2015, p. 2). Recorrentemente, vejo em sala de aula alunos que escondem o celular do docente para momentaneamente “dar um *google*”, isto é, para procurar mais informações sobre o que está sendo

estudado em aula. É importante que seja dito que a atitude do aluno em sala de aula não é diferente da postura que tem quando está fora da escola. O docente, em outras palavras, deve-se atentar para o fato de que a atual juventude já nasceu numa sociedade conectada, com informações *full time* na palma da mão. Esta geração de jovens de hoje (os que estão na educação básica e muitas vezes também expansivo aos universitários) não conheceram o mundo quando não existia *internet*. Para eles, é habitual procurar informações a qualquer momento, tirar dúvidas sobre todos os assuntos, seja de onde for – das proximidades ou não. Não é mais possível ignorar (e retroceder) diante o uso - positivo - da tecnologia e das derivadas ferramentas de pesquisas *on line*. É fato que para o ensino ser mais atrativo e produtivo para os alunos, as propostas pedagógicas tenham auxílio da pesquisa de forma a serem atualizadas em tempo real – o que não era possível até muito pouco tempo atrás numa educação massiva/convencional.

A convergência digital exige mudanças muito mais profundas que afetam a escola em todas as suas dimensões: infraestrutura, projeto pedagógico, formação docente, mobilidade. A chegada das tecnologias móveis à sala de aula traz tensões, novas possibilidades e grandes desafios. (...) Ampliam a noção de espaço escolar, integrando os alunos e professores de países, línguas e culturas diferentes. (MORAN, 2015, p. 2).

A pesquisa virtual pode - e deve - ser complementar às orientações que o docente introduz em sala de aula. Afinal, sobre qualquer tema há textos, vídeos e animações muito ricos, variados, que transmitem as informações básicas de forma adequada e verídica. E tenho desenvolvido essa estratégia em aula: com auxílio da *internet*, faço levantamento de conteúdos e os indico aos alunos para uma pesquisa complementar ao assunto a ser abordado em aula. Deste modo, os discentes utilizam outras ferramentas de consulta e pesquisa sobre os temas circulantes a partir de um outro inicial assunto proposto. Acredito que o papel do professor-pesquisador-mediador pode ser o de acompanhar a seleção e validação dos materiais mais interessantes (impressos e digitais) disponíveis na rede midiática. É importante roteirizar a sequência das ações previstas e mediar a interação com o grupo de discentes para não haver a dispersão própria da *internet*, mas interlocuções complementares também por iniciativa dos discentes. A relação entre professor-aluno-professor torna-se, assim, mais flexível e dinâmica para ambos. Até então, uma mesma aula deveria ser adequada a todos de modo uniforme; e a mesma atividade também era elaborada e aplicada em todas as turmas. Hoje, cada aluno/turma pode sentir-se predisposto a prosseguir com o inicial roteiro da aula de acordo com seus interesses e aptidões; cada um no seu ritmo e conforme suas necessidades.

As tecnologias propiciam a reconfiguração da prática pedagógica, a abertura e plasticidade do currículo e o exercício da coautoria de professores e alunos. Por meio da mediação das tecnologias de informação e comunicação, o desenvolvimento do currículo se expande para além das fronteiras espaços-temporais da sala de aula e das instituições educativas; supera a prescrição de conteúdos apresentados em livros, portais e outros materiais; estabelece ligações com os diferentes espaços do saber e acontecimentos do cotidiano; e torna públicas as experiências, os valores e os conhecimentos, antes restritos ao grupo presente nos espaços físicos, onde se realizava o ato pedagógico. (ALMEIDA & VALENTE, 2012 In MORAN, 2015, p. 3).

A educação atual parece-nos, nesse sentido, muito mais complexa do que até há pouco tempo em que a formatação dos conteúdos provinha apenas do papel do professor, livre de questionamentos. Hoje, sabe-se que a motivação dos alunos perpassa diferentes expectativas. Ao docente carece, para tanto, ser um constante pesquisador – e difundir tal atitude também aos seus discentes; além de lembrá-los que não tem a detenção de todos os saberes. Os professores devem incluir e adaptar as tecnologias em suas disciplinas / áreas de atuação, incentivando os alunos a agirem, inclusive, como produtores - e não só como receptores: “É importante misturar técnicas, estratégias, recursos, aplicativos. Misturar e diversificar. Surpreender os alunos, mudar a rotina. Deixar os processos menos previsíveis para os alunos” (MORAN, 2015, p 7). O compartilhamento de visões e olhares diferenciados sobre um mesmo conteúdo, por exemplo, dilata os horizontes e nos motiva a sermos proativos, corresponsáveis nas múltiplas aprendizagens, numa via de mão dupla – incessantemente.

2 | ENCONTROS PLURAIS

O ensino de Artes Visuais e História da Arte no Instituto de Aplicação/CAP-UERJ é regular, quer dizer, a disciplina tem carga horária e tempos de aula semanais assegurados na grade curricular de crianças e jovens – do ensino fundamental (desde os cinco anos de idade) ao ensino médio (até os 18 anos de idade).

Em se tratando do currículo, propriamente dito, a disciplina não adota livro pedagógico, o que propicia um ensino construtivista constantemente dinamizado com base no Projeto Político Pedagógico vigente no Instituto de Aplicação. É importante destacar que ao chegarem no ensino médio, os alunos já cursaram, pelo menos, quatro anos letivos de aulas da disciplina de Artes no ensino fundamental, a saber, Artes Visuais, Teatro, Música, Fotografia, Design Gráfico. No ensino médio, a disciplina de História da Arte é inserida na grade curricular. A ementa desta disciplina favorece, prioritariamente, a abordagem teórica da historiografia da arte. O que me levou a desenvolver, no decorrer das últimas duas décadas como docente, algumas

estratégias de ensino em que a densa cronologia das Artes fosse diluída e pautada, inclusive, nas linguagens artísticas da cultura visual da contemporaneidade.

Dito de outro modo, neste segmento escolar, os jovens alunos só veem a relevância da historicidade da arte quando em diálogo com a cultura visual do cotidiano. Quer dizer, os conteúdos e temas tornam-se mais interessantes e coerentes se em consonância com as linguagens e suportes artísticos que estão por toda parte afora os muros da escola – como por exemplo nas esculturas urbanas; nos grafites dos muros das ruas; nas campanhas e anúncios publicitários; nas embalagens dos produtos de consumo; na tv, no cinema, nos games etc. E, como não, em exibição igualmente nas plataformas digitais. Um dado que não deve deixar de ser mensurado é que essa geração não re-conhece o mundo antes do advento da *internet* e das tecnologias subsequentes. No entanto, o uso das tecnologias em sala de aula (em especial os *smartphones*) ainda é pouco difundido e praticado enquanto difusor do conhecimento científico frente às demandas da juventude.

Pensando assim, o projeto de seminários de pesquisa nas aulas de História da Arte surge no entremeio entre teoria-prática/prática-teoria; como um processo de atualização curricular e estratégias pedagógicas. Na verdade, em busca da aproximação e disseminação entre o “mundo alegórico-histórico” das civilizações e culturas que compõem o roteiro curricular e o “mundo virtual-identitário” no qual os jovens estão situados. O que nos leva a perceber, assim como para Candau (2015), que para a educação escolar ser consolidada,

é necessário buscar novos caminhos e/ou alternativas que possam ser mobilizadas e apropriadas, na perspectiva da reinvenção dessa escola que entendemos precisa ser mais plural, democrática, capaz de responder aos desafios de nossa contemporaneidade e de formar cidadãos e cidadãs, sujeitos da construção de um mundo menos dogmático e mais solidário.

[...] a reinvenção da escola pressupõe, entre outros aspectos, colocar em debate o modo de viver o currículo e/ou a prática educativa, refletindo e discutindo, portanto, o que entendemos são os seus modos de organizar tempos e espaços, relações, papéis de seus diferentes sujeitos e atores, saberes e conhecimentos, métodos, técnicas e recursos, linguagens, planejamento e avaliação. E, embora reconheçamos que não é suficiente promover transformações de caráter teórico-metodológico para mudar a escola, consideramos que esse é um aspecto significativo para construir uma outra escola e, portanto, uma outra educação, desde que tais mudanças sejam contextualizadas histórica e culturalmente e estejam orientadas por princípios claramente formulados e que expressem respostas às questões: que educação queremos construir? Que sujeitos/atores desejamos ajudar a formar? Ou, em outras palavras, que prática escolar desejamos realizar a serviço de quem e do quê? (CANDAU, 2015, p. 334-335).

Como ponto de partida de aproximação dos jovens alunos frente à Arte um tanto distante e concentrada nos museus e centros culturais, o planejamento dos seminários de pesquisa tem início com um roteiro de re-conhecimento da região do centro da cidade do Rio de Janeiro. O centro da cidade concentra alguns museus e centros culturais representativos do patrimônio cultural (e da memória) da cidade. Alguns museus e centros culturais elencados, são: Museu Histórico Nacional, Museu de Arte do Rio, Museu Nacional de Belas Artes, Biblioteca Nacional, Museu de Arte Moderna, Centro Cultural do Banco do Brasil, Centro Cultural da Caixa e Museu do Amanhã – para citar alguns dos mais recorrentes nos seminários de pesquisa desenvolvidos com os alunos. Os museus que até então estavam distantes do alcance e interesse dos jovens, passam a fazer parte do roteiro de pesquisa inclusive como um novo entretenimento cotidiano. Percebe-se que a referência que os jovens têm de museus de arte, geralmente, são como atrativos turísticos - apenas. Ou mesmo um espaço monótono com “coisas velhas” que nada ou pouco têm relação com os questionamentos e curiosidades da juventude midiática. Os acervos e, muitas vezes, as exposições de artes itinerantes destas instituições são parte, inclusive, da história cultural internacional – mesmo porque o Brasil é um país jovem, se comparado com outras civilizações.

A motivação, nesse ínterim, para o desenvolvimento de tal investigação metodológica se deve ao fato de ter percebido, assim como enfatiza Canclini (2015, p. 169), que “o museu é a sede cerimonial do patrimônio, o lugar em que é guardado e celebrado (...). Entrar em um museu é também penetrar em um sistema ritualizado de ação social”. Variavelmente, alunos da educação básica pouco ouviram falar da relevância cultural de tais instituições (os museus, em especial) que são apresentadas como objeto de estudo em paralelo com os respectivos acervos e exposições de arte itinerantes. Os alunos desconhecem, muitas vezes, a configuração e relevância histórico-cultural desses museus para a história da cidade, por exemplo. E muito menos para a sua formação crítica e consciente de cidadania - em que pese a identidade frente civilizações remotas e concomitantes aos exemplos nacionais.

O processo metodológico tem início em sala de aula com um panorama das instituições museológicas para, daí, tais espaços serem selecionados pelos próprios alunos que se dividem em grupos para a pesquisa de campo. É importante dizer que tal preferência se deve a muitas questões recorrentes ao cotidiano dos alunos, tais como a proximidade com o trajeto habitualmente percorrido; ou por já conhecerem o espaço museológico; ou até mesmo porque ainda não o conhecem e já ouviram falar ou viram a propaganda na televisão.

Um roteiro de visitação também é desenvolvido em sala de aula: os alunos são orientados a pesquisar sobre a história cultural do prédio da instituição / do museu e sua relevância para a cidade; além da estrutura organizacional voltada à

educação, propriamente dita. Os alunos também são encaminhados a pesquisar sobre determinado acervo artístico nacional – seja do acervo permanente ou mesmo de exposições correntes. Sendo assim, cada aluno pode tecer articulações desta obra específica com demais períodos artísticos e tendências estilísticas estudados nas aulas de História da Arte. Igualmente, os alunos examinam a trajetória artística e breve biografia sobre um determinado artista posto em destaque por eles e que tenha relação com os demais temas e épocas em estudo.

A pesquisa teórica é formatada em redações e resenhas críticas a partir dos textos curatoriais, sites oficiais e demais documentos/ fontes bibliográficas. A análise artística e impressões estéticas das obras de arte vistas nos espaços museológicos e centros culturais são levadas para a aula e compartilhada com os demais alunos. História, arte e cultura tornam-se sinônimos de consciência patrimonial e reconhecimento da memória coletiva, inicialmente encaradas apenas como uma atividade escolar individual/subjetiva.

A culminância do seminário se dá após a visitação e organização dos tópicos levantados: os alunos apresentam para os colegas da classe o que destacaram em relação ao seu objeto de estudo – o acervo do museu escolhido, além das exposições de arte. Esta apresentação é efetivada através de fotografias e/ou vídeos exibidos em *datashow*. O mais interessante nesse processo é o olhar pessoal que cada aluno (digo, a abordagem do grupo frente à coletividade) que é desenvolvido por meio de estratégias midiáticas também muito particulares/pessoais. E que são expostas para os demais colegas. Há de se mencionar que duas turmas diferentes estudam os mesmos temas e apresentam igualmente os seminários propostos, o que só vem a enfatizar que um mesmo lugar (museu) e objeto artístico (obra de arte) pode ser percebido de muitas formas diferentes porém, invariavelmente, complementares. Novas relações podem então ser estabelecidas. Na verdade, uma rede de percepções vai sendo tecida e sistematizada entre os discentes que procuram dialogar com suas experiências e saberes. No arremate, os jovens expressam suas descobertas de diferentes maneiras, elaborando distintas linguagens na constituição de narrativas díspares.

É importante mencionar, todavia, que o projeto de pesquisa no formato de seminário de aulas de História da Arte tem sido positivo para os alunos do ensino médio devido ao contato de proximidade real (diferentemente do que estão acostumados – o mundo virtual) com obras de arte que são referências da nossa própria história cultural. Muitas vezes essa história, até então, somente contada em livros e pelos docentes em sala de aula, são visualizadas (literalmente) nas exposições disponíveis nos museus visitados. A pesquisa vem concretizar a experientiação do conhecimento do patrimônio cultural da cidade e da cultura nacional frente as demais civilizações. O deslocamento do aluno ao museu / centro cultural vira um

momento único de avivamento para a constituição de sua própria história. De fato, o patrimônio não se restringe ao monumento: a educação patrimonial é um processo educativo de consciência e respeito às memórias coletivas; em diálogo com o conceito de culturas híbridas e da consequente construção da estrutura social de uma cultura (CANCLINI, 2015).

A arte é inerente ao patrimônio e alguns de seus conceitos são convergentes também na educação, como bem cita-nos Barbosa (2005):

a arte capacita um homem ou uma mulher a não ser um estranho em seu meio ambiente nem estrangeiro no seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence, reforçando e ampliando seus lugares no mundo. A arte na educação, como expressão pessoal e como cultura, é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. (BARBOSA, 2005, p. 99).

A única maneira de não se tornar um “estrangeiro no seu próprio país”, continua a autora (BARBOSA, 2005, p. 99), é re-conhecendo a sua cultura, a sua produção artística e o seu patrimônio, tornando-se um ser crítico e ativo, arcando com as suas responsabilidades como cidadão para o comprometimento com a preservação do que é patrimônio da sua nação. A necessidade de ter referenciais culturais, tanto para a pesquisa histórica quanto para o ensino, resultantes dos conceitos de patrimônio e preservação está profundamente atrelada na valorização da cultura.

A relação entre memória e patrimônio cultural na perspectiva do ensino de Arte desperta uma maior proximidade do aluno com a cidade onde vive; assim como favorece o interesse por bens materiais e imateriais que tangenciam o cotidiano e seu processo de formação identitária. O aluno, ao conhecer as histórias de monumentos e prédios da cidade, por exemplo, tem uma atitude de respeito e valorização com a (sua própria) história – num processo identitário. E inegavelmente tangenciado afóra à nacionalidade, isto é, expansivo às demais culturas.

3 | ARTE-IDENTIDADE VISUAL

Com o seminário de pesquisa entendido como uma estratégia metodológica surge a inquietação de difundir esse projeto e seus resultados alcançados para outros alunos e jovens - conhecidos ou não – além da comunidade escolar.

E é com o decorrer das aulas, que o uso do celular conectado à *internet* parece ser uma ferramenta apropriada para a transmissão dos conhecimentos artísticos em profusão. Dito de outro modo, as dúvidas e curiosidades que tornam-se constantes em sala de aula fazem do uso do celular conectado à *internet*, é certo, uma alternativa imediata para a busca por resultados complementares ao conteúdo

planejado nas aulas de História da Arte. À medida que os alunos apresentam os seminários surge, por exemplo, o questionamento se determinado artista visual tem *site* oficial – e se traz informações suficientes e atualizadas; qual o valor de mercado de determinadas obras de arte; quais estilos e escolas que um artista sofreu influência ou participou; outras referências bibliográficas complementares para a pesquisa etc - só para citar alguns exemplos que procedem. O auxílio da *internet* em aula, sem dúvida, veio complementar a ebulição pelo conhecimento em Artes dinamizado por questões transitórias, porém, variavelmente pertinentes.

É inegável que a juventude está acostumada a “dar um *google*” para saber um pouco mais sobre todo e qualquer assunto/tema. O que vem sendo costumeiramente adotado nas minhas aulas é a busca apropriada/criteriosa na *internet*. Ou seja, como se deve pesquisar; quais *sites* são confiáveis; ou mesmo em quais *sites* deve-se continuar a pesquisar a fim de outras informações verídicas. O que ficou acertado na classe é que o celular conectado à *internet* é uma ferramenta de busca para os assuntos circulantes em aula; uma ferramenta auxiliar para as dúvidas sobre questões relacionadas aos temas estudados.

Surge, nesse ínterim, a ideia da criação de um perfil coletivo no *instagram* (@nutricaovisual). Por iniciativa dos licenciandos da equipe do projeto de Iniciação Científica/PIBIC da mesma universidade que estuda os programas curriculares de Artes Visuais em livros didáticos. Ao contar para os acadêmicos sobre a experiência metodológica dos seminários de pesquisa na educação básica, e o uso do celular como ferramenta em sala de aula, tais licenciandos (alunos-breves professores que interagem com os alunos do CAP ao cursarem a disciplina – que também leciono - de Estágio Supervisionado no Instituto de Aplicação) percebem o *instagram* como ferramenta midiática de comunicação adequada para a postagem imagética dos seminários desenvolvidos (Figura 1).

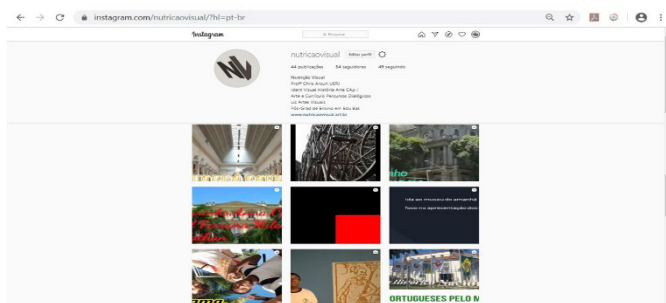


Figura 1: *Instagram* @nutricaovisual – foto página inicial.

À medida que as postagens imagéticas vão sendo realizadas no *instagram*, fica evidente como cada grupo de alunos se envolve, se apropria e determina os conteúdos midiáticos desenvolvidos a partir do foco de estudo: desde a preocupação com os ângulos e argumentos críticos organizados a partir da apreciação das obras expostas estudadas à estética da apresentação, propriamente dita, das fotos/vídeos. Deste modo, o *instagram* ratifica-se como uma ferramenta midiática capaz de concentrar vários vieses heterogêneos de conteúdos informacionais sobre os (mesmos) acervos museológicos – “é necessário fazer sempre links entre tudo o que estamos trabalhando, permitindo ao/a aluno/a diferentes conexões (...) entre seus estudos e pesquisas e o que ele/a sabia e/ou conhecia”. (CANDAU, 2015, p. 339).

A proposta pedagógica integra diferentes idades e contextos culturais dos jovens envolvidos no projeto – desde os discentes da educação básica aos acadêmico-profissionais. A ida ao museu, têm-se percebido notadamente, possibilita um encontro dos alunos com suas próprias tradições e costumes - na possibilidade de analogias contemporaneizadas. No decorrer das pesquisas com os cotidianos das escolas, a busca volta-se sempre a nós mesmos, para nossas histórias de vida, aos nossos “lugares” – enquanto os alunos que lembramos ter sido quanto como professores que pretendemos ser.

Se estamos incluídos, mergulhados, em nosso objeto, chegando, às vezes, a nos confundir com ele, no lugar dos estudos sobre, de fato, acontecem os estudos com os cotidianos [...]. Então, em nossos estudos com os cotidianos das escolas, no lugar de perguntas como: que significa essa atitude? Que quer dizer esse cartaz? Que significa esse texto? Qual o sentido dessa fala? Devemos perguntar: que leituras eu faço desse cartaz, texto ou fala? Assim, em nossos estudos com os cotidianos das escolas, há sempre uma busca por nós mesmos. Apesar de pretendemos, nesses estudos, explicar os outros, no fundo estamos nos explicando. (FERRAÇO, 2003, p. 160-161).

Os seminários de pesquisa em Artes Visuais e História da Arte resultam no entendimento de que expressões e manifestações culturais condizem com os princípios da educação patrimonial: valorização e respeito à diversidade cultural; fortalecimento das identidades e hibridizações estéticas no mundo contemporâneo. O patrimônio histórico e as culturas tradicionais, infalivelmente, revelam-se na atualidade quando celebram alegoricamente o passado para reafirmarem-se visualmente no tempo presente.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, A. G. S. **Educação patrimonial no Rio de Janeiro: a educação patrimonial para a valorização e preservação do patrimônio cultural.** In *Anais Eletrônicos do IX Congresso Brasileiro de História da Educação*. Paraíba: João Pessoa / Universidade Federal da Paraíba, 2017, p. 5948-5959.

BACICH, L.; TANZI NETO, A. e TREVISANI, F. de M. **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BARBOSA, A. M. (org). **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2015.

CANDAU, V. e KOFF, A. **A didática hoje: reinventando caminhos**. In *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 329-348, abr./jun. 2015.

FERRAÇO, C. E. e ALVES, N. **AS PESQUISAS COM OS COTIDIANOS DAS ESCOLAS: pistas para se pensar a potência das *imagensnarrativas* na invenção dos currículos e da formação**. In *Espaço do currículo*, v.8, n.3, p. 306-316, 2015.

FERRAÇO, C. E. **Eu, caçador de mim**. In: GARCIA, R. L. (Org.). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LIBÂNEO, J. C. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012, pág. 489-495.

MORAN, J. M. **Mudando a educação com metodologias ativas**. In *Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens*. Coleção Mídias Contemporâneas, 2015.

OLIVEIRA, I. B. **Aprendendo nos/dos/com os cotidianos a ver/ler/ouvir/sentir o mundo**. In *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 28, n. 98, p. 47-72, jan./abr. 2007.

_____. **CURRÍCULO E PROCESSOS DE APRENDIZAGEMENSINO: Políticaspráticas Educacionais Cotidianas**. In *Currículo sem Fronteiras*, v. 13, n. 3, p. 375-391, set./dez. 2013.

VALENTE, J.; ALMEIDA, M. E. B. **Narrativas digitais e o estudo de contextos de aprendizagem**. *Revista Em Rede*. v. 1, n. 1, 2014.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aperfeiçoamento 40, 45, 46, 72

Aprendizagem complexa 78, 79

B

Brasileiro nativo 144

C

Cariri Cearense 128, 129, 130, 133, 134, 139

Conquista 1, 5, 17, 144, 145, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 159, 174

D

Decolonialidade 128, 132, 133, 142, 144, 145, 151, 155

Diretrizes curriculares nacionais 52, 53, 56, 65, 66, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77

Diversidade de gênero 163, 166

Diversidade sexual 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 177

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 9, 10, 12, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 25, 26, 29, 30, 35, 40, 43, 45, 46, 48, 50, 51, 56, 57, 58, 62, 63, 65, 68, 71, 72, 75, 76, 78, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 118, 120, 121, 141, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 176, 200, 211, 220, 221, 239, 246, 276

Ensino de psicologia 52

Erveiras 128, 129, 131, 132, 134, 135, 140, 141

Escola 4, 9, 14, 19, 22, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 36, 38, 58, 75, 100, 102, 160, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 179, 192, 244, 257, 274, 275

Estudantes 4, 15, 22, 28, 30, 31, 38, 62, 71, 78, 79, 110, 114, 167

F

Formação 1, 3, 4, 5, 10, 11, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 97, 98, 100, 103, 105, 108, 114, 115, 130, 138, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 163, 169, 171, 186, 189, 194, 196, 204, 207, 210

Formação do psicólogo 52, 54, 57, 63, 72, 76, 77

H

Homofobia 168, 169, 171, 173, 174, 175, 176, 177, 178

I

Identidade 1, 3, 4, 8, 9, 11, 12, 15, 16, 25, 26, 28, 31, 35, 36, 37, 38, 39, 43, 68, 99, 103, 105, 126, 131, 133, 134, 176, 182, 183, 187, 188, 189, 191, 192, 210, 265

Identidade docente 1, 3, 4, 8, 9, 11, 12

Imaginário 28, 34, 35, 36, 38, 39, 147, 158, 159, 160, 161, 168, 195, 260, 261, 263, 264, 267, 271, 273, 275

Inclusão 15, 17, 40, 43, 47, 50, 51, 109, 111, 124, 166, 167, 175, 215

M

Modalidade à distância 1

N

Narrativas 28, 31, 34, 104, 108, 136, 140, 145, 149, 151, 154

P

Parteiras 128, 129, 131, 132, 134, 135, 137, 139, 140, 142

Pensamento complexo 79

Políticas 163, 166

População LGBTQ+ 173

Processo 1, 2, 3, 4, 6, 8, 10, 11, 12, 13, 19, 20, 28, 35, 36, 37, 42, 48, 50, 53, 58, 62, 63, 64, 67, 69, 70, 72, 73, 74, 77, 79, 97, 99, 102, 103, 104, 105, 112, 116, 117, 123, 128, 129, 131, 139, 140, 141, 144, 145, 146, 149, 150, 151, 152, 154, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 180, 188, 191, 194, 195, 196, 197, 199, 201, 202, 203, 205, 214, 216, 217, 218, 219, 246, 249, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 262, 267

Psicologia 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 115, 178, 218, 220

R

Reconfiguração 1, 3, 4, 11, 101

Rezadeiras 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141

S

Selfie 28, 29, 30, 32, 33, 34, 37, 38

T

TIC 2, 12, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96

Trabalho docente 1, 2, 3, 8, 10, 12, 13, 14

U

Universidade Venezuelana 79

Universitários 22, 78, 79, 100, 167

V

Violência 150, 151, 154, 169, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 197, 252, 253

Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Editora
Ano 2020

Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2020